

A MINHA VISÃO DE ANICETO MASCARÓ

Isidro E. Rodrigues

Abrindo a pasta em que nos tempos idos tenho encofrado documentos que elaborei e trouxe a público ou mantenho no segredo dos Deuses, veio-me à falangeta um despretençioso texto que me fora solicitado para integrar o catálogo duma exposição que a Biblioteca Nacional de Portugal levou a efeito em 2007.

Ao revê-lo pareceu-me descobrir nele algum interesse para os leitores de Ponto e Som, e, neste entendimento, reproduzo-o aqui, deixando à vossa disposição a oportunidade de o conhecer e lhe dispensar o classificativo que na vossa justa opinião ele mereça. A propósito, devo lembrar principalmente aos mais atentos a temas deste teor, que no Ponto E Som n.º 12 de janeiro de 1982, foi publicado um artigo de Filipe P. Oliva focalizando este insigne oftalmologista.

Eis pois, o texto na sua forma original:

“As mãos da escrita

25.º Aniversário do Arquyvi de Cultura Portuguesa Contemporânea

BNP

Biblioteca Nacional de Portugal

Pp371-373

Camões em Alfabeto Mascaró

No espólio de Brito Aranha aparece guardada uma folha que contém o célebre soneto de Camões «Alma minha gentil, que te partiste», no ponteadado singular do sistema gráfico de leitura inscrita para deficientes visuais e normovisuais, e a própria cercadura do documento identifica: «escripta dos cegos: systema

mascaró” [ver n.o 197]. Traz a data de Setembro de 1895, certificada pelo próprio Brito Aranha e a indicação «Para a Camoniana», indiciando que aquele ilustre bibliógrafo, a braços com o sempre incompleto Dicionário Bibliográfico, entendia que o documento tinha valia de espécie bibliográfica a incluir numa futura, e também sempre incompleta, Camoniana. Vale a pena explicar de que se trata.

O ALFABETO MASCARÓ

SISTEMA GRÁFICO DE LEITURA E ESCRITA PARA DEFICIENTES VISUAIS E NORMOVISUAIS

É sabido que ao longo de vários séculos, os esforços desenvolvidos para que as pessoas com deficiência visual pudessem ter a possibilidade de ler e escrever estiveram quase sempre orientados para a adopção de um processo que tivesse a possibilidade de ser usado, em simultâneo, por estas e pelas de visão normal. Assim, esta tendência, de raízes bem profundas e seculares, foi geradora de resistências à implantação do Sistema de Leitura e Escrita Braille, que somente em pleno século XX foi possível debelar. Os adeptos da corrente defensora de um Sistema para todos levantaram inúmeras barreiras à progressão do invento de Louis Braille, considerando-o uma solução aberrante para o problema em análise.

Limitados, por determinação pessoal, a referir as tentativas das quais se tem alguma informação, diremos que as primeiras menções a um processo de leitura em relevo, próprio para ser usado também por pessoas com deficiência visual, remontam a 1575 e surgiram na Itália. Nos subsequentes séculos, muitos foram os que, na Europa Ocidental (França, Inglaterra, Espanha e Portugal), se empenharam na procura de solução para o problema, porém, sem sucesso, apesar de, às vezes, a imaginação revelada ter sido bastante engenhosa. De entre os estratagemas realizados, pode salientar-se a escrita com letras de madeira — semelhantes às que observamos hoje a marcar os

botões dos elevadores, letreiros em relevo nas estações de comboios e outras, em edifícios públicos —, letras formadas por pregos miudinhos espetados em placas perfuradas, caracteres formados por fios ou finos arames, letras desenhadas em relevo em folhas de metal maleável e de papel.

Foram muitas as tentativas para se inventar um sistema de escrita eficaz para ser lida quer por pessoas com deficiência visual quer por normovisuais; todavia, os esforços sempre resultaram em insucesso. O traço é para o tacto mais difícil de detectar e identificar do que o ponto. Daí, o sucesso obtido pelo Sistema Braille. Seis pontinhos, formando um rectângulo constituído por duas colunas paralelas verticais de três pontos cada, formam um byte de seis bits, perfeitamente detectável e decifrável, ao primeiro toque, pela falangeta que o cobre por completo. Com este conjunto de seis bits, representando os pontos presentes os positivos e os ausentes os negativos, podem formular-se sessenta e quatro caracteres simples e n caracteres compostos por dois ou mais bytes. Mesmo assim, o sonho de se encontrar um sistema de caracteres legíveis por todos, sejam deficientes visuais ou não, manteve-se vivo e foi alvo da atenção especial de um aluno de Louis Braille (chamado Ballu), que usando régua semelhante àquelas com que se escreve o Braille, mas de pontinhos miudinhos, em colunas verticais de nove ou dez, que permitem desenhar, por pontos contínuos, os contornos de todos os caracteres comuns.

Também em Portugal o sonho de se descobrir um sistema utilizável por todos não se extinguiu e, por se tratar do nosso país, a tentativa para o conseguir converte-se no alvo de um pouco mais de curiosidade. Assim sendo, consideremos, ainda que em breves palavras, o obreiro deste feito que se desenvolveu nos últimos vinte anos do século XIX, quando o tiflopedagogo José Cândido Branco Rodrigues liderava um escol de humanistas — constituído por, entre outros, João de Deus, Madame Sigaud Souto, a Duquesa de Palmela, Madame Frondoni, o dramaturgo Fernando Palha — prosseguia na sua missão de abrir as portas da escolarização e da cultura para os deficientes visuais, que começavam a ser iluminados pela luz interior, a luz intelectual que supera, muitas vezes, a falta do sentido da visão.

Esse obreiro era espanhol, oftalmologista de profissão e de nome Aniceto Mascaró; nasceu em 1842 e faleceu em 1906, em Lisboa, onde se havia fixado em 1870 e abriu uma clínica da sua especialidade.

Anteriormente tinha exercido a sua profissão nos Estados Unidos da América do Norte e em Cuba, onde, ao que consta, o fez com muito êxito. Mascaró fundou, em 1889, na sua casa, sita na rua do Alecrim, n.º 20, o Instituto Médico-Pedagógico para Cegos, no qual, além das consultas oftalmológicas, se dedicou aos estudos necessários à elaboração do seu Método de Leitura e Escrita para Cegos e Pessoas de Visão Normal e à preparação de professores para ensinarem os deficientes visuais por meio do método a que ele se votara de alma e coração. Como acréscimo às actividades referidas, em 1898, o Instituto promovia a edição de um periódico, denominado Revista Mascaró para Cegos e Videntes, do qual desconhecemos o tempo de vida e quantos números foram editados. Mascaró faleceu em Abril de 1906, e com a sua morte acabou também o Instituto que, a manter-se activo, prolongaria a vida do seu fundador na memória colectiva.

Cingindo-nos agora apenas ao seu invento, entendemo-lo como uma reorganização dos seis pontos em que assenta o Sistema Braille. Os pontos são os mesmos (pontos 1, 2, 3, formando, do topo para a base, a coluna vertical esquerda; pontos 4, 5, 6, formando, também do topo para a base, a coluna direita), o rectângulo e as dimensões deste são as mesmas. No que concerne aos equipamentos para produzir esta grafia, não consta que alguma vez se tenha preocupado com um novo invento, pois sempre usou as pautas e régua Braille e os vulgares punções para nelas produzir as minúsculas bossas que formam os caracteres. Parece mesmo que estas foram a fonte da sua inspiração.

Quanto às componentes em que alicerçou o seu Sistema de Escrita, são fundamentalmente duas: uma visual e outra táctil. A primeira consiste na acomodação do formato das letras maiúsculas ao espaço do rectângulo Braille; a segunda é constituída por conjuntos de pontos do Sistema Braille, os quais, na nossa óptica, têm apenas uma muito vaga afinidade figurativa com as letras

que representam. «Com efeito, os nexos através dos quais se estabelecem estas relações vão desde uma ponderosa sugestão de forma, conseguida por um conjunto de pontos que definem no essencial o contorno dos caracteres, até uma função meramente mnemónica, em que os pontos representam apenas o princípio e o fim dos caracteres, como acontece, por exemplo, com o “S” (ponto 3, marcando o início do traço, em baixo, à esquerda, e ponto 4, marcando o fim do mesmo, em cima, à direita), ou com o “U” (ponto 1, marcando, no topo, o início da haste esquerda, e ponto 4, marcando, no topo o fim da haste direita). No essencial, Mascaró utiliza o Sistema Braille, mas com outro reagrupamento dos pontos. Enquanto os pontos 3-4 no seu sistema representam um “S” e os pontos 1-4 representam um “U”, no Sistema Braille representam, respectivamente, um “í” e um “c”. Tal como o Sistema Braille, o seu representa o alfabeto, os sinais de pontuação, os números e sinais matemáticos, e mesmo as notas musicais.»

Em Abril de 1906, realizou-se em Lisboa um congresso internacional e, quando nele Mascaró fazia a apresentação do seu método, foi acometido por uma apoplexia que prematuramente lhe ceifou a vida.

Com a morte do Homem, cujos méritos eram justamente reconhecidos pelos que apreciavam a sua talentosa actividade em prol do bem comum e, designadamente, pelo Governo Francês, que o agraciara com a *Ordem de Instrução Pública*, acabou também o Instituto que, a manter-se activo, prolongaria a vida do seu fundador na memória colectiva.»